

## ADVENTO DA SEXUALIDADE NO MESOSSISTEMA DE UMA CEI DE SÃO MIGUEL DO OESTE/SC

KOCHENBORGER, Caroline Sidineia

BÜHRING, Fernanda Luiza

SCHÜNEMANN, Sirley

BAVARESCO, Ângela Maria

### Resumo

Este artigo aborda a temática sexualidade infantil na sala de aula. Tem como objetivos averiguar as reações do educador infantil ao se deparar com a sexualidade das crianças e identificar os sentimentos experimentados por tais profissionais ao lidar com esse tema, em um Centro de Educação Infantil (CEI) em um município do extremo oeste catarinense. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de abordagem descritiva que englobou uma amostra de cerca de 40 professores, coordenadores e auxiliares da educação infantil, os quais participaram de conversas informais, questionário aberto, diário de campo e observação participante. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Apresentaram-se dificuldades para lidar com a aceleração dos meios de comunicação que influenciam as crianças diariamente. Assuntos que antes ficavam restritos aos adultos, na atualidade são trazidos para o contexto da sala de aula pelas próprias crianças, causando sentimentos de impotência nesses profissionais por não estarem preparados para dar esse suporte na formação da personalidade das crianças. Relatam que vivenciam sentimentos de divergência entre épocas, onde a experiência pessoal interfere na compreensão de uma nova era.

Palavras-chave: Psicologia. Sexualidade. Educação Infantil.

## 1 INTRODUÇÃO

A sexualidade na infância não é só um fator restrito de cada indivíduo, mas transfigura-se em um fator de interação deste com o ambiente ao longo do ciclo vital, podendo, como nos sugere (Poletto & Koller, 2008 p. 406), se transformar em conexões positivas capazes de promover a resiliência e a melhor qualidade de vida das pessoas nas sociedades que se vêem inseridas.

Além dessas interações há o contexto que esses ambientes interativos estão inseridos, chamados sistemas sociais, que segundo Bronfenbrenner & Morris (1998), podem ser definidos como “ambientes de desenvolvimento humano, como instituições religiosas, políticas, de ensino, família e outros, que nos possibilitam entender as conexões e desconexões realizadas nesses espaços”. Por sua vez, o sistema dos CEIs está inserido no mesossistema, que se define como o “conjunto de relações entre dois ou mais microsistemas nos quais a pessoa em desenvolvimento participa de maneira ativa.” Sustentando ainda que “[...] os aspectos do meio ambiente mais importantes no curso do crescimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação [...]”, Bronfenbrenner (1996, p. 9). Os autores introduzem ainda, a ideia de “Modelo bioecológico”, o qual abrange o desenvolvimento de forma ampla e focalizado nas interações das pessoas em seus diferentes contextos. Resumidamente, são esses sistemas sociais que influem no desenvolvimento dos sujeitos tanto adultos quanto infantis.

Ao que se refere à época atual, Foucault (1977) afirma que, os CEIs “ainda continuam adequadas ao formato “scientia sexualis”, pois controla e busca formar as crianças para vida civilizada em coletividade”. Moizés e Bueno (2010) salientam que “por muito tempo a sexualidade foi associada a algo obscuro, pecaminoso e proibido, e esses mitos tornam-se prejudiciais ao indivíduo porque negam-lhe o direito de conhecer o próprio corpo e se orientar para a saúde sexual.” Foucault (1993), reforça que: “São anos e anos de adestramento em que a sexualidade vem sendo

vigiada e normatizada. A imposição de limites, de penalidades, de culpa reduziu a sexualidade ao que pode, ao que não pode, ao que é adequado e ao que é inadequado, ao que é normal e ao que é patológico.”

Diante do que foi abordado acima, sabe-se também que nos dias atuais, ainda é comum, principalmente no ambiente dos CEIs, compreensões sobre a criança como um ser biológico, porém, a sexualidade diz respeito à convivência social e às relações.

## 2 DESENVOLVIMENTO

**METODOLOGIA:** Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa de abordagem descritiva desenvolvida no primeiro semestre de 2018, através do componente curricular Ambiente e Sociedade do curso de Psicologia da UNOESC campus de São Miguel do Oeste, localizado no extremo Oeste de Santa Catarina, Brasil. Os critérios de inclusão empregados para o estudo abarcaram alunos, professoras e auxiliares de uma creche da referida cidade, de ambos os sexos, que possuíssem contato com crianças dos 06 meses aos 4 anos de idade. Com base nas informações fornecidas pela diretoria do local, obteve-se a população em cerca de 60 funcionários. A seleção da população da amostra ocorreu de forma voluntária. Dessa forma, convidou-se cerca de 40 professores e auxiliares a colaborar com o referido estudo.

Na coleta de dados empregou-se um questionário aberto com perguntas pertinentes à pesquisa, observação participante, registro de observações livre na forma de Diário de Campo, e ainda informações obtidas em conversas informais, todos em anexo. O questionário aberto, assim como o registro de conversas informais, foram direcionados às professoras e auxiliares. A observação participante foi desenvolvida na interação dos alunos com o ambiente da creche assim como a construção do Diário de campo, processo este que abrangeu o período de 2 meses. Os participantes responderam aos questionários de forma individual, com o auxílio das pesquisadoras. Em todos os momentos foi assegurada aos participantes a liberdade de recusa ou interrupção da participação no decorrer da pesquisa, sem

proporcionar qualquer tipo de constrangimento aos mesmos, assim como o sigilo das informações coletadas obedecendo aos padrões éticos para pesquisa com seres humanos, respeitando a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Os dados coletados foram submetidos a análise de conteúdo.

**RESULTADOS:** Observou-se no presente estudo, que a sexualidade infantil, continua sendo confundida com o erotismo e com os órgãos genitais por parte dos profissionais da educação infantil. Ao abordar a sexualidade, os profissionais da educação inibem as manifestações das crianças, muitas vezes pecando nas explicações, o que acaba gerando traumas afetivos, cognitivos e sociais. Constatou-se que os profissionais não possuem conhecimentos sobre a criança como um ser integral, experimentando sentimentos de receio e incapacidade diante das manifestações de sexualidade presentes na rotina infantil. A grande maioria dos profissionais que atuam em Centros de Educação Infantil (CEIs) ignoram as manifestações de sexualidade de seus alunos, reprimindo e castigando qualquer comportamento que indique essa questão. São nas diversas formas de repressão que esses profissionais buscam fugas para sair desse contexto da sexualidade.

Os profissionais manifestam ainda, que o tema não é frequentemente trabalhado nos cursos superiores em Pedagogia ou de Magistério, mas sentem que é de extrema necessidade em sala de aula, exigindo melhor compreensão referente à sexualidade infantil para auxiliar na prática diária. Assim sendo, esses profissionais lidam com a sexualidade de acordo com os padrões de normalidade impostos pela sociedade sobre eles, tornando-os resistentes em aceitar estratégias que não vão ao encontro com a convicção que possuem.

Constataram-se dificuldades para lidar com a aceleração dos meios de comunicação que influenciam as crianças diariamente. Assuntos que antes ficavam restritos aos adultos, na atualidade são trazidos para o contexto da sala de aula pelas próprias crianças, causando sentimentos de impotência nesses profissionais por não estarem preparados para dar esse suporte na formação da personalidade das crianças. Relatam que é frequente as crianças trazerem dúvidas para sala de aula em

relação às novas constituições familiares, fazendo-os lidar com questões que não condizem com seu entendimento pessoal, levando-os a julgamentos. Notamos ainda, que os profissionais experimentam o sentimento de divergência entre épocas, onde a experiência pessoal interfere na compreensão de uma nova era, alguns continuam apegados à época em que o acesso aos meios de comunicação era limitado para crianças, principalmente os temas relacionados à sexualidade, onde a moral e o conservadorismo coíbem a discussão aberta sobre. Também, os profissionais são guiados pelo olhar educativo, pensando de modo restrito, onde a sexualidade é basicamente biológica.

No que diz respeito às intervenções nas dúvidas sobre sexualidade vindas das crianças, os profissionais costumam dar respostas fantasiosas e esquivas, que fogem da capacidade de entendimento dos pequenos. Sentem-se atarantados, principalmente, nos momentos em que os alunos exploram o corpo, percebem as diferenças entre os órgãos genitais e ao manejar esses órgãos. Torna-se recorrente, repudiar as crianças que são flagradas nesses momentos de descoberta da sexualidade, punindo-os para que não se repita ou para que façam conforme os profissionais acreditam ser "moralmente correto".

Abordar o tema sexualidade ainda é vedado para os profissionais da educação infantil. Esses profissionais e a maioria dos familiares enxergam as crianças de forma infantilizada, pura, dependente e não possuidoras de capacidade de compreensão sobre o tema. Quando algumas questões relacionadas à sexualidade começam a surgir, os responsáveis e profissionais acabam se apoiando uns nos outros, buscando ajuda para orientar e sanar as dúvidas das crianças, resultando no sentimento de despreparo e incapacidade de todo um conjunto, reprimindo os sentimentos dos pequenos, podendo desenvolver problemas na formação de personalidade dos mesmos.

Os profissionais se sentem constrangidos ao falar sobre o tema em sala de aula, porém, sentem-se cobrados e obrigados pelas necessidades que surgem através das vivências da sexualidade infantil. Esclarecem que as manifestações de sexualidade

se dão, sobretudo, nos momentos de brincadeiras, de conversa seja com professor ou com colegas, nos horários para ir ao banheiro e/ou troca de fraldas, na hora do conto e nos momentos de assistir filmes infantis, pegando os profissionais despreparados, causando inquietação, embaraço e insegurança.

No que diz respeito às equipes de apoio dos CEIs, como coordenador e orientador, as dificuldades e sentimentos experienciados por esses são similares aos dos profissionais professores citados acima, podendo observar-se que, ambos sentem receio em tocar no assunto com os responsáveis das crianças e há pouca comunicação dos professores para com esses profissionais. O tema é tratado como módico e medidas (juntamente com os responsáveis pela criança) são tomadas em casos considerados “desviantes” como forma de prevenção e punição para evitar que o restante dos colegas não repita tais atos.

Partindo deste resultado, os profissionais sentem-se desafiados a pensar planos de aula que promovam o aprendizado sobre corpo, sexualidade e gênero já nos primeiros anos de contato escolar das crianças, contando com poucos momentos destinados a essa preparação por parte dos gestores. Nota-se nesse cenário, a dificuldade em um trabalho integrado quando realmente há necessidade de intervenção por parte de um profissional especializado, pois a demanda é ampla para apenas um profissional da área da Psicologia disponível para todo o sistema que compreende a educação infantil do município.

Por fim, observou-se uma angústia e frustração por parte dos profissionais em relação à estruturação, organização e prática das atividades diárias, onde os mesmos relataram que a rotina gira em torno das necessidades básicas das crianças, que ficam aglomeradas em salas lotadas, não restando tempo disponível para realização de atividades para trabalhar o tema e que se torna assim, difícil de prender a atenção dos pequenos. Também, que se sentem pressionados pelo sistema e pelos próprios pais, para que façam atividades palpáveis, deixando de lado o trabalho subjetivo com os alunos.

### 3 CONCLUSÃO

Podemos concluir com este artigo, que a criança sente deleite com o toque, experimentando a si próprias e ao mundo à volta, sendo isso comum desde a sua concepção, não estando relacionada com a carnalidade. Percebemos na prática infantil, que o prazer das crianças não está relacionado somente ao ato sexual e masturbação. Sexualidade é presente na vida de todo sujeito, sendo os Centros de Educação Infantil (CEIs) encarregados como ambientes onde se dá o primeiro contato social dos mesmos, atendendo uma responsabilidade imensa na formação da criança, sua participação e colocação na sociedade. Partindo deste pensamento, são os CEIs que possuem a função de auxiliar no processo de desenvolvimento infantil saudável e natural em relação à sexualidade, fazendo-se fundamental a compreensão de todos os implicados com a criança, de que descobrir a sexualidade é necessário e sadio para o desenvolvimento sem perturbações.

Nivelar a sexualidade infantil com a sexualidade dos adultos é um deslize comum que abre brechas para a compreensão da sexualidade dos pequenos consoante com a visão do adulto. A criança deve ser observada a partir das necessidades específicas que correspondem essa fase, pois pensar a sexualidade infantil é estar “atenado” com o desenvolvimento emocional da criança, considerando essas necessidades juntamente com seus desejos, angústias, dúvidas e demandas.

O professor é desafiado a não culpar nem punir as crianças por suas manifestações sexuais e, na construção de um processo de educação que aborde valores, crenças, especificidades grupais e individuais. Assim, lhe é dada a função de trabalhar, pedagogicamente, a sexualidade com seus alunos, auxiliando na descoberta da mesma. Porém, para isso se realizar de forma eficaz, faz-se necessário uma ampliação no conhecimento sobre o tema, evitando os sentimentos de frustração, angústia, receio e incapacidade experimentados por tais profissionais, chamando a atenção de todo um sistema educacional para olhar com mais atenção esse fator fundamental no desenvolvimento humano.

Alertamos para o cuidado que os CEIs devem ter para não objetivar que a instituição seja para construir sujeitos heterossexuais, femininos e masculinos, dentro dos padrões que a sociedade exige. Caberá a equipe como um todo, trabalhar sem recriminação e preconceito o tema sexualidade, buscando desmistificar e fazer uma (re)significação de toda uma ideia dos profissionais em contato direto com as crianças em torno do assunto.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U., & MORRIS. P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), Handbook of child psychology: theoretical models of human development (Vol.1, pp.993-1027). New York: John Wiley & Sons.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977. (Biblioteca de Estudos Humanos. Saber e Sociedade, nº 2).

FREUD, Sigmund, 1856 1939. Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916 1917). 1 a ed São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. 1905.

MAZET, P., HOUZEL, D. Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent. Paris: Maloine. 1996.

MOIZES, Julieta S.; BUENO, Sonia M. V;. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 44, n. 1, Mar. 2010. Disponível em > [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342010000100029&lng=%20en&nrm%20=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100029&lng=%20en&nrm%20=iso) > Acesso em 20 de abril 2018.

NUNES, César A; Desvendando a Sexualidade. 2º ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

POLETTO, Michele. KOLLER, Sílvia Helena. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estud. psicol. (Campinas)*. 2008, vol.25, n.3.

RIBEIRO, Cláudia Maria; SOUZA, Ila Maria Silva de. *Educação inclusiva: Tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção*. Lavras: UFLA, 2008.

Sobre o(s) autor(es)

Caroline Sidineia Kochenborger, Fernanda Luiza Bühring e Sirley Schünemann: Acadêmicas do curso de graduação em Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Campus de São Miguel do Oeste.

E-mail: carolinesk@hotmail.com, fernandabhrig@hotmail.com, sirleyschunemann@hotmail.com,

Angela Maria Bavaresco: Mestre em Ciências da Saúde Humana e professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina /UNOESC - Campus de São Miguel do Oeste.

E-mail: angela.bavaresco@unoesc.edu.br.